

«The Third Wave» (1991)

O início da terceira onda

A *terceira onda de democratização* do mundo moderno teve início, implausível e involuntariamente, vinte e cinco minutos depois da meia-noite de quinta-feira, 25 de Abril de 1974, em Lisboa, Portugal, quando uma estação de rádio transmitiu a canção «Grândola Vila Morena». Essa transmissão seria o sinal de partida para as unidades militares em Lisboa e arredores executarem os planos para um golpe de Estado que tinha sido cuidadosamente delineado pelos jovens oficiais que lideravam o Movimento das Forças Armadas (MFA). O golpe foi executado com eficácia e êxito, encontrando apenas uma resistência relativa da parte da polícia de segurança. Unidades militares ocuparam os ministérios chave, estações de transmissão, correios, aeroportos e centrais telefónicas. Ao fim da manhã já as multidões inundavam as ruas, aplaudindo os soldados e colocando cravos nos canos das suas espingardas. Ao fim da tarde o ditador deposto, Marcello Caetano, já se tinha rendido aos novos líderes militares de Portugal. No dia seguinte fugiu para o exílio. Assim morreu a ditadura que tinha nascido durante um golpe militar semelhante em 1926 e que tinha sido liderado durante mais de trinta e cinco anos por um civil austero, António Salazar, que trabalhava em colaboração estreita com os soldados de Portugal.

O golpe de Abril foi um início implausível de um movimento a nível mundial para a democracia porque os golpes de Estado mais frequentemente derrubam os regimes democráticos do que os introduzem. Foi um início involuntário porque a instalação da democracia, e muito menos o arranque de um movimento democrático global, estava longe das mentes dos líderes do golpe. A morte da ditadura não assegurava o nascimento da democracia. No entanto, soltou uma enorme variedade de forças populares, sociais e políticas que tinham sido eficazmente reprimidas durante a ditadura. Durante os dezoito meses subsequentes ao golpe de Abril, a desordem reinou em Portugal. Os oficiais do MFA dividiram-se em facções concorrentes conservadoras, moderadas e marxistas. Os partidos políticos cobriam um espectro igualmente alargado, desde o partido comunista de linha dura à esquerda aos grupos fascistas à direita. Seis governos provisórios se sucederam uns aos outros, cada um exercendo menos autoridade do que o seu antecessor. Tiveram lugar tentativas de golpes e contragolpes. Os trabalhadores e lavradores fizeram greves e manifestações e tomaram conta de fábricas, herdades e meios. Os partidos moderados ganharam as eleições nacionais no aniversário do golpe em 1975, mas no Outono desse ano a guerra civil parecia vir a ser possível entre o norte conservador e o sul radical.

A convulsão revolucionária em Portugal parecia, em muitos aspectos, ser uma repetição da Rússia de 1917, com Caetano no papel de Nicholas II, o golpe de Abril no papel da Revolução de Fevereiro, os grupos dominantes do MFA no papel dos Bolcheviques, uma desordem económica e uma convulsão popular semelhantes, e até o equivalente à conspiração de Kornilov no falhanço de tentativa de golpe de direita liderada pelo General Spínola em Março de 1975. A parecença não se perdeu aos *olhos* dos observadores perspicazes. Em Setembro de 1974 Mário Soares, Ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo provisório e líder do Partido Socialista Português, reuniu-se com o Secretário de Estado Henry Kissinger em Washington. Kissinger condenou Soares e outros moderados por não terem agido mais decisivamente para afastar uma ditadura marxista-leninista.

«É um Kerensky... Acredito na sua sinceridade, mas é ingénuo», disse Kissinger a Soares.

«Certamente que não quero ser um Kerensky», respondeu Soares.

«Kerensky também não queria», retorquiu Kissinger.

Portugal, no entanto, acabou por ser diferente da Rússia. Os Kerenskys ganharam; a democracia triunfou. Soares evoluiu para Primeiro-Ministro e mais tarde para Presidente. E o Lénine da revolução portuguesa, a pessoa que no momento crucial utilizou uma força disciplinada para produzir o resultado político que queria, era um taciturno coronel pró-democracia chamado António Ramalho Eanes que a 25 de Novembro de 1975 esmagou os elementos esquerdistas radicais das forças armadas e assegurou o futuro da democracia em Portugal.

O movimento em direcção à democracia em Portugal em 1974 e 1975 foi dramático mas não *foi único*. *Movimentos democráticos* menos óbvios tinham lugar noutros locais. Em 1973 no Brasil os líderes do Governo demissionário do General Emílio Médici desenvolviam planos para uma distensão ou «descompressão» política e em 1974 o General Ernesto Geisel empenhava o seu novo Governo em dar início ao processo de abertura política. Em Espanha o Primeiro-Ministro Carlos Arias movimentava cuidadosamente a ditadura de Franco numa direcção de liberalização enquanto o país aguardava a morte do ditador. Na Grécia a tensão acentuava-se no seio do regime dos coronéis, conduzindo à sua queda em meados de 1974 e, mais tarde nesse ano, ao primeiro Governo eleito democraticamente na nova onda de transições. Durante os quinze anos seguintes esta onda democrática tornou-se global em termos de âmbito; cerca de trinta países mudaram do autoritarismo para a democracia, e pelo menos uma vintena de outros países foram afectados pela onda democrática.